

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ARIANA BERNARDO DA SILVA NASCIMENTO

UMA ABELHA NA CHUVA DE CARLOS DE OLIVEIRA E O NEO REALISMO

GUARABIRA-PB
2015

ARIANA BERNARDO DA SILVA NASCIMENTO

UMA ABELHA NA CHUVA DE CARLOS DE OLIVEIRA E O NEO REALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Neni de Freitas

GUARABIRA-PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244a Nascimento, Ariana Bernardo da Silva
Uma abelha na chuva de Carlos de Oliveira e o Neorrealismo.
[manuscrito] / Ariana Bernardo da Silva Nascimento. - 2015.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Neni de Freitas, Departamento
de Letras".

1.Opressão. 2. Alienação. 3. Neorrealismo. 4.Simbologia. I.
Título.

21. ed. CDD 800

ARIANA BERNARDO DA SILVA NASCIMENTO

UMA ABELHA NA CHUVA DE CARLOS DE OLVEIRA E O NEO-REALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em 19 de junho de 2015



Profª Drª Maria Neni de Freitas-UEPB
Orientadora



Profª Drª Maria Suely da Costa-UEPB
Examinadora



Profª Drª Rosângela Neres-UEPB
Examinadora

UMA ABELHA NA CHUVA DE CARLOS DE OLIVEIRA E O NEO REALISMO

RESUMO

É Notável a importância do romance *Uma Abelha na Chuva* para o neo realismo. Através do estilo e da carga ideológica. Carlos de Oliveira nos apresenta as relações de poder entre explorados e exploradores, servindo para ilustrar a crise instaurada no universo social. O escritor português não deixa de criticar, através da ironia, os abusos da burguesia e os desmandos dos setores mais favorecidos na sociedade portuguesa. Portanto, esta pesquisa objetiva estudar *Uma Abelha na Chuva* e as características realista e simbólicas no romance enfatizando a luta de classe entre trabalhadores e empregados e a opressão física e psicológica dos mesmos, tendo como base teórica as contribuições do autores, Reis, Coelho e Alzinhiera, Torres, Lourenço, entre outros.

Palavras Chave: Opressão, Alienação, Neo realismo, Simbologia.

1 INTRODUÇÃO

Os símbolos carregam um poder de mostrar significados ideológicos, morais e éticos. Eles possuem uma importância significativa dentro do romance seja por desvendar fenômenos e entidades que predominam uma carga temática e ideológica. É através desse recurso, procuramos entender o sentido real do romance *Uma abelha na chuva*, de Carlos de Oliveira, A opressão, alienação e morte presente no romance têm seus significados compreendidos. Centrado no neo-realismo, que descreve a realidade como uma forma de transformá-la, levando o leitor a analisar o mundo ao seu redor, faz realçar a luta dos que são veículo dessa transformação, esse realce não se prende a um indivíduo isolado, mas a um grupo e aos valores que defendem. A presença da ideologia neo-realista é evidente sobretudo com os temas da opressão, alienação e da vingança, Observamos as tensões e confrontos sociais como etapa necessária da transformação histórica da sociedade exatamente na linha ideológica do neo-realismo e do pensamento marxista que o inspira.

O discurso literário neo-realista aspirava ser um instrumento de consciencialização daqueles que mantinham afinidades estreitas com as personagens exploradas e oprimidas utilizando a escrita neo-realista. O autor mostra o conflito existente entre dois casais, trazendo à tona, a casa dos Silvestres, como uma colmeia de imoralidade, fria degradada, em que cegos pela ganância e medo de ficarem na miséria. Álvaro Silvestre parte para o lado de roubos, instigado pela mulher, mostra também a decadência da aristocracia, tendo que recorrer à burguesia através do casamento arranjando por meios de interesse de classe. Silvestre é cúmplice do assassinato de Jacinto e suicídio de Clara. Em *Uma abelha na chuva*, a decadência moral se sobrepõe à financeira, Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestres eram ricos porém não tinham educação moral, eram “abelhas cegas” que não sabiam conduzir a sua própria vida conjugal. Percebemos que o autor explora uma ideologia entre a luta de explorados e exploradores, onde apesar da classe dominante ter todo o domínio sobre seus servos, invejava a confiança no futuro e o amor, estes representando nos personagens Clara e Jacinto. Maria dos Prazeres é uma personagem ímpar no romance, pois o autor também trabalha a simbologia por meio dos sentimentos da mulher, podemos notar no romance que há uma relação entre o tempo atmosférico e as situações de ira vivida pela personagem, assim como o narrador utiliza-a para simbolizar o fogo, a chama que a todos consomem.

Em *Uma abelha na chuva* a opressão é mais psicológica do que física, é o abatimento do outro pelo lado moral. Maria dos Prazeres, em todo contexto, sempre “taxa” seu marido de “Bêbado” “Molengão”, ela domina-o através da humilhação. Essa superioridade de Maria dos Prazeres vem de sua descendência em que ela deixa transparecer, (entre a diferença de classe da aristocracia em crise e uma burguesa em ascensão.). Sua revolta tem como ponto de partida o seu casamento forçado.

É partindo desses pressupostos que este trabalho tem como objetivo estudar o romance *Uma Abelha na Chuva* de Carlos de Oliveira, focando principalmente nas características neo realistas e simbólicas no texto dando ênfase aos conflitos das classes aristocrática e burguesa. É também através da decodificação simbólica que iremos desvendar o toda trama, tendo como base a comparação existente no romance entre a organização familiar e a organização das abelhas, (colméia), e também analisar e discutir a opressão do homem pelo homem, e a opressão psicológica e física Para fundamentar o presente artigo, utilizamos a contribuição de Reis, Sousa, Torre, Alzinheira e Coelho; entre outros. Segundo Reis (1996 pág. 103).

Deste modo, caberá dizer, antes mais, que a representação simbólica consumada em uma abelha na chuva constitui um dos seus aspectos mais complexos, se considerarmos a obra como mensagem envolvida num amplo processo de comunicação literária, em que o perfil sociocultural do leitor real se define como condicionante da eficácia comunicativa dessa mensagens.

Portanto é através da bagagem de mundo do leitor que ele irá compreender as mensagens que o autor quer realmente passar, tendo como base os recursos ideológicos na obra, em que o leitor real se afina com os personagens e também percebe a representação neo realista.

2.O neo realismo no romance *Uma Abelha na Chuva*

O neo realismo português nasce no período entre guerras em Portugal, no início de 1940, com a publicação da obra *Gaibéus* de Alves Redol. *Gaibéus* tem como foco principal abordar os problemas sociais, buscando conscientizar o leitor para a realidade do trabalhador rural. Carlos de Oliveira se consagra como um escritor neo realista, pois em seus romances tematiza sempre a decadência moral da burguesia portuguesa.

Critica a parcela da sociedade portuguesa interesseira e opressora, mostrando a luta de classe entre patrões e empregados. Também retrata obras, *Casa na Duna*, *Aprendiz de Feitiçeiro* e *Finisterra*. Mas, é em *Uma Abelha na Chuva* que o autor vem tratar, de forma simbólica e com elementos da natureza “ água e fogo” o desenrolar de um romance de perdição. Segundo Moreira, (1982, Pág 712).

A obra de Carlos de Oliveira pode na verdade ser qualificada globalmente como um romance da Gândara: não apenas porque a Gândara é o palco onde a sua ação se desenvolve e gandareses são as suas personagens; mas também e, sobretudo porque toda a obra tem a ver com o mistério da formação desse universo de areia, do seu povoamento, da sua apropriação, da criação dos homens pela paisagem e da criação da paisagem pelos homens.

A autora enfatiza na obra de Carlos de Oliveira, a criação da paisagem rural na qual ela se situa, as características rurais dos personagens, (lavrador, cocheiro), e a paisagem que os envolve, definindo assim, que o homem interfere no meio e o meio interfere nas características dos homens. O romance sempre busca o fogo e água como simbologia do mistério. É através desses elementos, sempre fazendo a junção das vidas das abelhas cultivadas pelo doutor Neto que Carlos de Oliveira apresenta duas colméias, a de Álvaro Silvestre e Maria dos Prazeres e a do casal Clara e Jacinto, que caracteriza *Uma Abelha na Chuva* como maior romance do neo realismo. Sendo assim, segundo Sousa, (2003, pág 02).

O romance sublime de Carlos de Oliveira é muito mais do que a história da miséria e exploração sociais (que também lá está),mergulhando nesse ontológico oceano das contradições do ser, da paixão, do amor, da condição feminina, da frustração individual e das mentalidades colectivas dominantes em tempos de pequenos e grandes tiranetes.

Vemos propagar a realidade das classes sociais, as injúrias, a imoralidade, representadas em todo o contexto do romance. Portanto, o autor chama atenção para uma questão, da frustração individual representada pelo casal Silvestre e a reação da população diante dos abusos, dando impulsos aos elementos do neo realismo que utilizava os fatos históricos, políticos e sociais presentes na sociedade que fizeram com que alguns escritores voltassem a sua atenção para os problemas da época. Conforme Reis, (1996, Pág 19) “O neo realismo confere aos estigmatizados a voz de explicitarem os seus problemas enfatizando as condições sociais, econômicas e políticas”.

Uma abelha na chuva estuda a vida dos personagens, mostrando os conflitos existentes na burguesia, partindo de uma ótica que visualiza a opressão da classe dominada, e os atritos da classe dominante, em se tratando de (Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestres) esta que também possui seus problemas psicológicos. Segundo Reis, (1996, pág 21) “Centrada ainda no espaço da Gândara e ação diegética instala a crise e os conflitos representados no seio da burguesia dominante”. O autor mostra a crise aristocrática pela figura da mulher, o lado “frágil”, submissa ao pai quando aceitou um casamento por interesse. Segundo

(...) Amarga obediência aos pais, e o desejo de os ajudar, a curiosidade e o medo, o medo e um pouco de esperança; avançava pelo braço do pai, toda de branco entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas, sorria, mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido.(OLIVEIRA, Pág 23-24, 1980)

Percebemos a submissão da mulher através da figura de Maria dos Prazeres, sendo essa um elemento simbólico importantíssimo em que o autor usa a revolta feminina. É que através de Maria dos Prazeres desencadeia todas as desgraças que abatem sobre todos. É por isso que o neo realismo tem uma preocupação genérica de ser um instrumento de conscientizar através das suas obras literárias, interligando muitas vezes as afinidades do leitor com os personagens oprimidos e explorados. O enlace matrimonial de Maria dos Prazeres é um exemplo de opressão, pois ela é praticamente forçada a casar pelo pai. No texto de Carlos de Oliveira observamos a ideia de o autor aproximar o leitor através dos seus personagens, conscientizando para os males que assolavam a sociedade, com o intuito de propagar as ideias neo realista. Segundo Lourenço (1983, Pág 204)).

É sobretudo nas obras de ficção que nos surgem as notas ideológicas conhecidas do neo realismo, pelo que têm de retrato social-atenção privilegiada a camada popular, luta de classes, seleção de conflitos, inserção deste num mundo mais vasto que o dos simples indivíduo.

Através da literatura, neo realista, Carlos de Oliveira mostra a problemática social centradas nos seus personagens, os sentimentos da natureza humana e os fermentos da rebeldia que apontam para uma sociedade em declínio evidenciando uma das características desse movimento. Verificamos que Carlos de Oliveira não só trabalhou as características neo realistas no romance, no contexto de denunciar a falta de moral da sociedade burguesa, como teve todo interesse em trabalhar seus personagens e os conflitos vivenciados pelas mesmas. Segundo Coelho e Alzineira (1988, pág 49).“É inegável, portanto, a visão neo realista do autor quando deixa em suspenso o futuro, a esperança no devir, a melhoria de estatuto para a classe social massacrada pelo poder incontrolável do dinheiro que tradicionalmente tudo controla.”

É importante verificar a ótica do autor em deixar transparecer no seu texto, uma mensagem revolucionária que veio para ajudar e defender os direitos dos desfavorecidos. Ele utiliza a simbologia como recurso para mostrar a luta de classes e a evolução dos movimentos revolucionários trabalhistas e é também através dos fenômenos temporais que *Uma abelha na Chuva* efetiva-se de grande contribuição no marco neo realista, devido também a sua carga psicológica, que traz ao público os problemas existentes no seio da classe burguesa.

3. A simbologia em uma Abelha na Chuva

3.1 Álvaro Silvestres e Maria dos Prazeres: A colméia do Fel

Todo o romance é carregado por uma simbologia que entenderemos ao poucos como um quebra cabeça. Carlos Oliveira aplica a questão do núcleo familiar em relação à organização da colméia das abelhas. Conhecemos as abelhas como produtoras de mel e detentora de organização familiar, na colméia onde vivem. Percebemos no romance a atribuição da colméia voltada a classe familiar dos dois principais casais do romance. *Uma abelha na chuva* é dotado de uma carga simbologia ideológica considerável é através da mesma que o autor exprime sua mensagem. Segundo Reis, (1996, Pág 41).

De fato uma abelha na chuva, a representação simbólica merece um destaque que o título da obra desde logo sugere: Por isso (e para além da questão de se saber até que ponto o símbolo é uma entidade estilística susceptível de codificação) a questão nuclear a resolver prende-se a própria avaliação de evolução do neo realismo português.

O autor evidencia a sequência de símbolo presente na obra e até que ponto esses símbolos transmitem suas mensagens pelas suas riquezas de detalhes. É essa simbologia o elemento principal do romance, desde do título que o autor vem alertar a crise e a decadência burguesa e é através dos códigos presentes na narrativa que o leitor se depara com um romance de extrema riqueza e também o amadurecimento do movimento neo-realista português.

A primeira ação é focada na vida burguesa representada pelo casal Álvaro Silvestre e Maria dos Prazeres mostrando as relações problemáticas do casal, e a ação secundária é representado pelo casal Clara e Jacinto. O autor mostra na primeira ação todo atrito existencial entre a burguesia, conflitos esses que acarretam na morte de Clara e Jacinto. Pois, tudo que acontecia na vida do casal Silvestre, afetava a todo de uma forma direta-indireta, pois a classe dominadora se sobrepõe a dominada. Pois a crise burguesa, em que as intrigas e problemas da mesma resulta no massacre da classe dominada e sonhadora (Clara e Jacinto) Assim traçando um paradoxo entre o opressor/oprimido. Segundo Coelho e Alzinheira, (pág15, 1998).“ (...)Neste contexto uma Abelha na Chuva integra-se na tradução geral do romance neo realista português como atrás se referiu, reflectindo cenários sociais e históricos que não apresentam uma ação completa, mas fatias de vidas acidentadas”. Neste contexto analisamos uma ação ligada a outra, a primeira com o desfecho na segunda. De fato, o romance mostra no primeiro ato o motim que levou ao desfecho infeliz. Conforme os críticos do neo realismo, Carlos de Oliveira confere grande importância à vida dos personagens, os problemas psicológicos que os assolam , os conflitos de gerações e a condição feminina como aspectos da realidade humana.

Entre trovoadas e chuvas a água também é interpretada como o fluir do tempo, pois é em meio a chuvarada que o tempo passa, causando assim uma irreversibilidade. Dividido em três partes, a primeira remete aos indícios que antecedem o crime, esse representado pelo casal Silvestres, a segunda é o desenrolar do crime, implicando na morte de Clara e Jacinto, e a terceira é a consequência da morte dos dois, seguida da classe dominada (povo) calada pela dominante.

Na primeira parte do romance, passa-se os serões na casa dos Silvestres, apresentando as personagens secundárias composta por padre Abel, D. Violante, Dr Neto e D. Cláudia. Padre Abel é o padre que frequenta a casa dos Silvestres juntamente com sua irmã D. Violante, muito diferentes. Falavam-se muito na relação de parentesco entre eles, isto é acreditavam-se que não eram irmãos, mas namorados. “As beatas de Moutouro garantiam-se embora tivesse perdoado a ele há muito, reservada a D. Violante um ódio velho... Chamavam-lhe a irmã do padre, num sublinhar irônico do parentesco que deixava em aberto as suposições mais escabrosas.” (OLIVEIRA, 1980, pág. 29) Percebemos que a intenção do autor em deixar algo indireto na relação de Padre Abel e D. Violante, volta-se o olhar em desmascarar mesmo que indiretamente a devassidão do clero que invadia a igreja pelo atos dos seus percussores.

Dr Neto e D. Cláudia são noivos, ela representa o personagem fraco, medrosa, temerosa do tempo, ele, porém totalmente oposto, tinha uma visão materialista apaixonado pelas abelhas e o seu trabalho, via no mel em que as mesmas produziam tudo que era de “belo e doce” na vida. Pois cultivava colméias. Doutor Neto além de médico era naturalista, questionava sua descendência junto a D. Cláudia, definindo-a como fragilíssima.

(...) aduzia razões de ordem absolutamente material, científica: sou um heredo-sifilítico; a D. Cláudia, uma constituição linfática, fragilíssima; pois bem, casamo-nos e depois que filhos deitaremos ao mundo? Saltava daqui para as implicações morais: não me parece justo chamar à vida um ser doentio, deformado ou louco; punha mesmo em dúvida se era lícito a alguém fazê-lo, um rei que fosse, com o problema da sucessão às voltas; e a verdade é que tudo isso está dentro das possibilidades do nosso casamento; etc, etc; até se ver claramente que não tinha o direito de insistir com a D. Cláudia. (OLIVEIRA, 1980, Pág 34).

Observando a convivência de Dr Neto e D. Cláudia vemos mais um casal que não possui filhos, ou seja o medo de dar continuidade a descendência faz o D. Neto se sentir incapaz de gerá-los. Pois, o mesmo tem um papel crucial no romance ao ser o fio condutor para decifrar os símbolos, ligando o sentido de família-colméia. Ele é o analisador do contexto, a chave que envolve todo o mistério. Percebe-se que é pelo D. Neto que o narrador tem seu olhar realista, apesar deste viver enclausurado em seu saber científico, é mesmo o único consciente do que se passa ao seu redor. Reconhecendo os disfarces e analisando a vida social dos Silvestres.

(...)O dr neto declarou: cansaço, esgotamento nervoso a carroça fora dos eixos, efim a chave desta fechadura é o repouso , quanto mais repouso melhor. Falar por falar : Conhecia bem o inferno que era a vida dos Silvestres e no inferno o repouso e difícil. Receitou brometos por descargo da consciência. (OLIVEIRA, 1980, pág 29).

Nota-se que o Dr Neto tinha conhecimento do se que passava na casa dos Silvestres e sabia muito bem que existia uma guerra entre Álvaro Silvestre e Maria dos Prazeres. E que por mais que eles tentassem esconder deixavam transparecer o ódio entre si. A estrutura familiar essa que deveria ser organizada na casa (colméia) dos Silvestres é quebrada no momento do elo matrimonial, Maria dos Prazeres é forçada a casa-se para salvar o nome da sua família. A família dos Alvas era um família nobre de linhagem de condes e missionários onde tinham o seu orgulho; várias famílias da época quando entravam em estado de miséria, sempre tentavam manter as aparências em prol do nome no caso de Maria dos Prazeres o casamento foi um negocio de família(casamento por dinheiro).

No texto de Carlos de Oliveira, a decadência da burguesia é representada por Maria dos prazeres Alvas Sancho Silvestre, ela proveniente de uma família da aristocracia portuguesa, e Álvaro Silvestres de uma família de comerciantes (burguesia em ascensão), apesar de serem ricos, a família de Álvaro Silvestres não tinha uma linhagem de sangue como a da sua esposa, por isso mesmo aceitaram o casamento, mesmo sabendo que a família dos Alva estava em decadência. Assim trocaram o nome por dinheiro, no desejo de pertencerem a linhagem de fidalgos. Foi pensando na miséria em que cairiam que o pai de Maria dos Prazeres negocia o casamento da filha com a filho dos comerciantes.

A ruína entrou na casa de Alva: dinheiro, terras, móveis, levados pela voragem; lustres arrancados dos tetos (começou a seroar-se à luz de pobres lamparinas); velhas arcas de madeira olorosa e pesadas de belos linhos, reposteiros, cadeirinhas graciosas forradas a damasco,talha, guarda-loiças de cristais finíssimos, camas torneadas, deu o sumiço em tudo;desapareceram os quadros das paredes, a prata dos talheres; a dona da casa arrancou as jóias do colo, os anéis dos dedos; venderam-se espingardas de caça, galgos, cavalos, traquitanas, relíquias de nebulosos tempos como aquele punhal antigo cravejado de diamantes.(OLIVEIRA, 1980, pág 24).

Portanto a família Alva foi acometida de uma ruína, em que foram preciso vender quase todos os seus bens, principalmente as jóias que as mulheres utilizavam devido tamanha crise, a família parte para a aliança matrimonial dos filhos, oferecendo Maria dos Prazeres como um objeto de salvação.

(...) Quando ela fez dezoito anos, o pai fidalgo, que era Pessoa, Alva e Sancho, descendente de um Coudel-Mor, de um guerreiro das linhas de Elvas e primo do bispo missionário de Cochim negociou o casamento da filha com os Silvestres do Montouro, lavradores e comerciantes: sangue por dinheiro (a franqueza dum homem sem outra alternativa); assim seja, concordou o pai de Álvaro Silvestre, compra-mpre-se também a fidalguia.

Mas uma vez, o narrador mostra a “união” das famílias Alvas e Silvestres como simples jogos de interesses, descrita de modo frio, em que a decadência dos Alvas levam-no a decisões extremas para manter o status perante a sociedade. Maria dos prazeres é tratada como um objeto adquirido pelos Silvestres, que apesar de serem comerciantes invejavam o status que a fidalguia possuía. E viu no casamento de Álvaro e Maria dos Prazeres uma forma de suprir esse desejo. Entretanto, há uma chuva de conflito interiores em Maria dos Prazeres, por saber que foi vendida a uma família que não tinha a sua linhagem, em todo o enredo Maria dos prazeres demonstra essa revolta. Ora destacando ironicamente o sobrenome do marido ou discriminando-o.

(...) indiferente ao mundo; corro atrás dele como de um filho, mas o Silvestre, dos ilustres Silvestres do Montouro, quer lá bem saber disso, trago-o às costas para casa como um fardo e o Silvestre, o das confissões que é ladrão e não sei quê, rressona há uma eternidade e há uma eternidade que eu o oiço, que eu me mexo no bico dos pés para o não acordar; a charrete desfaz-se nas covas, mas o Silvestre não serala, o Silvestre compra éguas destas que não atam nem desatam, desencanta cocheiros destes tão frescos como as éguas e depois ronca satisfeito, mas isto acaba, meu Deus, e acaba já.(OLIVEIRA, 1980, pág 28).

Maria dos Prazeres ironiza seu marido lembrando a linhagem do mesmo e por ser uma mulher de personalidade forte, ela domina-o. A questão do casamento por dinheiro é algo que Maria dos Prazeres traz dentro de si, inconformada, apesar de viverem juntos, há um paradoxo que separa o casal, (burguesia/aristocracia), e é por esta questão que o casal acaba produzindo o fel, o sabor amargo que também deixam transparecer no aspecto físico do ambiente em que convivem. O escritor descreve a casa dos Silvestre com aspecto sombrio, como se ela transparecesse toda a energia e sentimentos de seus moradores.

A casa, toda ela, gelava. Porém, no escritório do marido, na sala de jantar, fora possível conseguir um mínimo de aconchego, à custa de tapetes e móveis. No quarto, não. Talvez de estar virado ao norte, porque do norte se a chuva é grossa o vento é forte, [...]. (OLIVEIRA, 1980, pág 41).

Carlos de Oliveira, dá ênfase em descrever a casa dos Silvestres de modo peculiar. Nota-se a frieza atribuída a vida conjugal em que eles levavam. A “colméia” das abelhas fria é morta, então percebemos a carga de ironia que autor carrega ao descrever tal ambiente. Esta casa-colméia dos Silvestres não tinha alegria, apenas transparecia a frieza do casal. Combinando-se em aspectos psicológico e material. O narrador descreve o quarto do casal também como frio.

Por onde a solidão a fazia resvalar. E o quarto tão frio. Talvez os ventos, os granizos do norte, as grandes chuvas. Talvez, D. Violante. Mas, sobretudo a velha casa de Alva, quando a miséria não chegara ainda e, atrás dela, os Silvestres. Agora é o marido labrego e doentio, as bebedeiras, o desencanto [...]. (OLIVEIRA, 1980, pág 43)

Essa frieza está atribuída também ao fogo da paixão que o casal não possui, o quarto apenas é um símbolo da vida íntima dos mesmos. Os silvestres não sentiam desejo um pelo outro, esse também era um dos motivos pelos quais eles não possuíam filhos. Nos personagens Álvaro e Maria dos Prazeres, o elo de procriação é quebrado, ela como abelha rainha não procria. “[...] O meu patrão, por exemplo, mestre António. O lavrador Silvestre, que não chega para a mulher, que nem um filho se lhe atreveu a fazer. Nem um filho, caramba. [...] (OLIVEIRA, 1980, Pág 47).” Podemos observar a confirmação, de Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre não ter prole. Portanto eles formam simbolicamente uma colméia improdutiva. Tidos como “abelhas obcecadas”, presas em seu egoísmo. Percebe-se, no decorrer do romance o porquê dessa estrutura familiar ser comparada com a colméia, tudo o que acontece na vida dos Silvestres de forma indireta ou indiretamente atinge a todos que estão ao seu redor. No enredo Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre representam a classe exploradora; apesar de viver uma vida infeliz eles sentem prazer em fazer com que todos padeçam pelo fato deles serem infelizes. Sofrimento que vem carregado de simbolismo. Mas estes símbolos multiplicam os seus valores, opõem-se e também se interpenetram; cada um dos pólos pode ser negativo ou positivo, de acordo com as representações em que aparece, de acordo com os momentos do texto ou com as personagens através de quem surge. Os elementos da natureza representam muitas vezes as características dos personagens como o fogo e a água.

Esses elementos são características da personagem Maria dos Prazeres. Ela representa o fogo, a chuva grossa e a abelha improdutiva.

De caráter enérgico, ela guarda de dentro de si o fogo que muitas vezes é citado no texto, o fogo que não deu filhos ao seu marido, mas que queima por dentro e ela o oprime e prejudica à todos. “Ergueu-se de repente, afastando o xaile e a manta de viagem. Lavrava o incêndio dentro dela. Arrancou o chicote das mãos do ruivo e uma vez, duas vezes, uma dúzia, malhou no lombo da égua até poder.”(OLIVEIRA, 1980, Pág 28).

A simbologia do fogo representa o ódio que se incendeia e inflama dentro de Maria dos Prazeres, a angustia por não poder mudar seu destino, também ela é a classe que impunha o chicote. Quando a personagem está calma, a chuva é fina, então a chuva representada no romance é também um estado de alma da personagem. “Olhava-o e assaltavam-na certos momentos de piedade como agora, mas raramente, porque o habitual era o escoar quotidiano do seu orgulho, ora indiferente, ora tempestuoso”. (OLIVEIRA, 1980, Pág 31). A personalidade de Maria dos Prazeres é tida como tempestuosa e orgulhosa, ela representa a tempestade que arrasta com a vida de todos, é a que carrega as abelhas produtivas para a chuva, (Clara e Jacinto). Mais uma vez, o fogo é atribuído a personalidade de Maria dos prazeres, por seu marido que a temia mais que tudo. Assim como temia o inferno.

(...) E cerrou as pálpebras, apertou as brutalmente; formas convulsas começaram a crescer do mundo turvo que se abrira nela às palavras do médico, com a ajuda do brandy, estranhas metamorfoses, cavalos de crinas ardentes desgrenhadas, e lá vinha a mulher sobre o xairel e a sela das visões, trazia reflexos de fogo nos cabelos, era uma amazona através de labaredas; à esteira da amazona cavalgavam os outros, o padre Abel, a D. Cláudia, a D. Violante, o Dr. Neto e ele próprio; acometiam-nos chamas ácidas de enxofre, torciam-se entre um fumo negro, miseráveis, desfeitos, calcinados. Estavam todos no inferno. (OLIVEIRA, 1980, Pág. 36)

Portanto o autor reforça a ideia do elemento com a personagem, pois esta transparece . O fogo também é uma forma de demonstrar o erotismo recalcado da personagem ao cobiça o cocheiro Jacinto. Segundo Reis, (1983, Pág. 592).O que faz da visão de Maria dos prazeres um elemento dotado de inegáveis potencialidade ideológicas, e não é só a sua capacidade seletiva, mas também os afloramentos de sua subjetividade, em consonância com perfil psicológico, cultural e social que a personagem vai delineado.

Ao longo da narrativa, observamos o perfil de Maria dos Prazeres. Sempre intercalando

com a vida que vive na casa de Álvaro. Esse fogo aumenta assim como a chuva engrossa, conforme o seu temperamento muda. Segundo Torre, (1967, pág. 34).

As certas coisas rompia na alma de D. Maria dos prazeres um velho fogo emborralhado e sempre à espera de o soprarem; nunca se sabia quando nem por que, mas nos piores dias, então, as palavras, a simples existência do marido, dava no lume como vento. E a labareda vinha. “quantas veze vira meteres forçadamente o ombro à muralha que ela erguia entre os dois

Apesar de estarem unidos pelo casamento, as mentes dos Silvestres divergiam, Maria dos prazeres tinha o fogo dentro de si, toda vez que desabava sobre o marido, seu rancor. Porém, transforma-se a olhar para Jacinto, contendo o fogo ardente da mulher inconsolada e carente. Então o cobiçava, apesar de manter-se superior, tanto a Jacinto quanto ao marido.

O perfil do cocheiro arrancava-o da sombra da luz amarelada: o queixo espesso, o nariz correto, a fronte não muito ampla, mas firme. De encontro à noite, parecia uma moeda de ouro. O moço ia hirto, de olhos postos no caminho escalavrado que a lanterna abria a custo, e a tensão (a atenção) dava-lhe um relevo enérgico aos tendões do pescoço que o blusão de bombazina deixava a descoberto. Ela fitava-o e não resistia à tentação de um paralelo com o homem mole e silencioso que levava ao lado.” (OLIVEIRA, pág. 23, 1980).

Partido desse pressuposto, assim como seu nome retrata uma simbologia, Maria dos Prazeres, possuía apenas desejos ocultos. Pois queria ardentemente o seu cocheiro. Ela faz a comparação do seu marido com Jacinto, definindo o primeiro como homem “mole e silencioso”. Percebe-se também o seu descontentamento com o casamento através da figura do marido. “A cada solavanco, Álvaro Silvestre escorregava sobre a mulher que sentia no flanco o peso desagradável; esquivava-se encolhida ao canto da bancada; e olhava para o homem de ouro, na boleia, sob a morrinha.” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 49) Nota-se que para Maria dos Prazeres seu marido era um peso, que ela tinha de carregar durante a vida, podemos ver a comparação que a personagem faz do peso do corpo de Álvaro com o fator desagradável de suportá-lo.

18

Meu Deus, este homem viscoso agarrado às saias, até quando? A lapa no rochedo, a lapa dúbia, o homem covarde que nem coragem tem de ser ganancioso. Faz tudo para saciar a cobiça, o justo e o injusto, mas depois cobre-lhe a alma a lepra do remorso e corre à igreja, ao confessorário, às penitências. Rói-o o pecado como rói o musgo a concha da lapa. (OLIVEIRA, 1980, pág. 27)

Percebe-se, Maria dos Prazeres, como uma mulher gananciosa, ambiciosa, que instiga o marido a ser o mesmo. Ela é quem impulsiona Álvaro a cometer os crimes, e ao mesmo tempo julga-o e o define fraco, por ele mostra-se arrependido por seus atos. O pecado cravejado em Álvaro Silvestre denunciava sua imoralidade, a consciência perturbava-o, então ele apegava-se a igreja como uma forma de ficar em paz com o seu consciente.

A maior parte da narrativa transcorre no tempo psicológico vivenciado em torno do casal Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre. Cada um vive em seu mundo psicológico, Maria dos Prazeres vive a sonhar com seu erotismo na figura de Jacinto, causando isolamento e divergência na vida conjugal. Eles recordam o passado como lugar de refúgio. Maria dos Prazeres demonstra frustração ao relembrar sua situação social econômica antes do seu casamento e a decadência familiar.

(...) Perdem-se os outros a falar da humanidade do vento, chuvas arrastadas do norte: muito bem, e a minha cama de Alva?. As rendas minuciosas, o cristal, a prata irrecuperáveis como o raio do sol filtrado pelo jardim sobre a dobra do lençol: São horas, Maria dos Prazeres, os cavalos suados por entre as árvores em flor: quem me dera que tudo isto durasse para sempre minha filha; festas de aniversário, setenta convidados sobre o lustre estrelar, o pai com a taça de champanhe na mão: as gravuras de caça ainda mais minuciosas do que as rendas, as louças frágeis como a espuma: e o calor do quarto tudo tão distante, que a ideia de trocar a mobília não passava de um devaneio sem nenhuma esperança de voltar atrás: porque não se pode, evidentemente.

O escritor destaca que não se pode voltar no tempo, às decisões tomadas pela família, a submissão da mulher perante a imagem patriarcal e o casamento por dinheiro. O tempo no romance é também simbolizado pela água corrente; A chuva é o elemento da ação do tempo como também dos sentimentos dos personagens muitas vezes representado com “trovoadas íntimas”, essas que sempre a personagem Maria dos Prazeres experimentava. De acordo com Reis (1997, Pág 75).

(...) O tempo constantemente agreste que envolve o comportamento das personagens remete de modo incontestável a agressividade que caracteriza esse comportamento ao longo da ação(...) No crescendo da fúria dos elementos quando atinge um dos momentos mais conflituosos do romance (o episódio do assassinato de Jacinto / e nas próprias reflexões de D. Maria dos Prazeres lucidamente atenta as relações entre a evocação de factos para ela dramáticos (o momento da união a Álvaro Silvestre e exterior atmosférico).

A expressão do sentimento dos personagens com a ação do tempo e a fúria da chuva, este que também faz referência ao humor dos mesmos dando ênfase no desfecho do romance, o tempo desabrido é o mesmo tempo que apressa a opressão física e a angústia vivida pelo personagem como o recordar do seu casamento. "(...) Avançava pelo braço do pai, toda de branco entre um murmúrio de órgão e vozes sussurradas, sorria, mas dentro de si ia nascendo um grito, um grito sempre reprimido. A chuva caía, caía com certeza no passado e agora."(OLIVEIRA, 1980, pág 23-24). Podemos perceber a chuva como a inquietação íntima sofrida pela personagem Maria dos Prazeres no seu enlace matrimonial. A mesma reprime suas vontades diante do casamento por consumir. A chuva também narra o fato da chegada de Álvaro a Corgos.

Pelas cinco horas duma tarde invernososa de outubro, certo viajante entrou em Corgos, a pé, depois da árdua jornada que o trouxera da aldeia do Montouro, por maus caminhos, ao pavimento calçadado e seguro da vila: um homem gordo, baixo, de passo molengão; samarra com gola de raposa; chapéu escuro, de aba larga, ao velho uso; a camisa apertada, sem gravata, não desfazia no esmero geral visível em tudo, das mãos limpas à barba bem escanhoada; é verdade que as botas de meio cano vinham de todo enlameadas, mas via-se que não era hábito do viajante andar por barrocais; preocupava-o a terra, batia os pés com impaciência no empedrado.

A chuva é usada como símbolo da inquietação que Álvaro Silvestre traz como uma chuva de conflitos também é revertida como um fenômeno psicológico/comportamental, em que notamos em o personagem vem enlameado pela chuva e traz dentro de si uma enxurrada de opressão, medo e culpa. A chuva que lava também é a que suja, essa mesma suja Álvaro, enlameara fisicamente, mas não é comparada a chuva da sua consciência que o julga por seus atos, ela também representa a crise interior, a lama, a podridão dos seus atos. O autor utiliza novamente a chuva que ameaçava desabar como símbolo do que Álvaro iria despejar em uma carta pra ser publicada no jornal, onde a mesma continha, toda a sua vida de roubos e mentiras, tendo como cúmplice a sua mulher.

Eu, Álvaro Rodrigues Silvestres, (...) juro por minha honra que tenho passado a vida a roubar os homens na terra e a Deus no céu, porque até quando fui mordomo da Senhora do Montouro sobrou um milho das esmolas dos festeiros que despejei nas minhas tulhas. Para Alguma salvaguarda juro também que foi a instigações de D. Maria dos Prazeres Pessoa Alva e

Sancho Silvestres, minha mulher, que andei de roubo em roubo, ao balcão, nas feiras, na soldada nos trabalhadores e na legítima do meu irmão Leopoldino, de quem agora sou procurador, vendendo-lhe os pinhais sem conhecimento do próprio e agora ai vem de África para minha vergonha, que não lhe posso dar contas fiéis.

As reflexões que levou Álvaro Silvestre, a contar todos seus crimes, era por medo da morte. Era esse um dos seus medos, pois seus costumes doutrinados pela igreja fê-lo acreditar no inferno e temia de ser condenado por tudo o que tinha feito de roubos. Ele acreditava que a sua confissão a vista de todos faria com que Deus lhe desse a benção do perdão. Percebemos que o nome Álvaro significa “puro e casto” e Silvestre, “selvagem.” Tais significados não definia o que realmente ele era, nem puro e nem selvagem. Pois apesar de doe-lhe por dentro o remorso dos atos cometidos instigados pela mulher, isto não lhe tornava digno das bênçãos do senhor. E a selvageria que provia do seu nome, não lhe faziam juízo, pois este era dominado, submisso e oprimido pela mulher vivia em um mundo de bebedeira, entre trago de “brandy e dentadas de remorsos”. Como uma forma de conforta-se a si mesmo. Álvaro Silvestre em seu contraste com a mulher sentia que ela não o amava, pois esta mesma sentia-se superior .

Ele a via em um pedestal, inalcançável. E questiona se até a alma da mulher tinha mais crédito do que a sua. “Emergia da bebedeira pela mão da mulher, com o amor próprio em frangalhos, mais humilhado do que nunca: lá continua ela, de pedra e cal no seu orgulho; com a ideia da declaração na comarca quebrei o nariz a julgar que me benzia.” (OLIVEIRA, 1980, pág. 40). No diálogo interior de Álvaro Silvestre, ele sempre questionava-se sobre a morte, comparando-a com sua mulher, uma das duas o arrebataria, as duas o assustavam, uma por temer o escuro, o desconhecido, o além do fechar de olhos e outra por ter dentro de si a própria morte, encrava em orgulhos e vaidades. Ela o amedrontava pela sua personalidade.

O pior foi dar de caras com ela. Teve outro arrepio e continuou a bater os dentes. Pareceu-lhe que nunca a mulher o fitara com tamanha frieza, pareceu-lhe até que não era ela quem se aproximava deslizando suavemente pelo tapete. Alta, quase aérea. Levou a mão à cabeça dorida e fechou os olhos: talvez que a morte é a fraqueza de tudo, do orgulho, da vaidade, quem ali vem mal tocando no chão como um fantasma talvez não seja mais que a alma dela, condenada. De pálpebras fechadas, entreviu de

novo o fogo do serão, o perpétuo terror.(OLIVEIRA, 1980, Pág 36).

O próprio Álvaro Silvestre elucida a linhagem da mulher afirmando que com todas as pompas, os Alvas seguiram a regras a de entregar a filha, ao se verem na miséria, em que muitas vezes ele atira este seu passado como forma de fazê-la lembrar e descer do pedestal em que se encontra, humilhando-a, apesar de saber que também é humilhado pelo orgulho de Maria dos Prazeres. “Muito conde, muita léria, mas há vinte anos que me comes as sopas. Quando houve fome lá pelos palácios, foi aqui que a vieste matar, com a família atrás. E vinham todos mais humildes, vinham quase de rastos. Nesse tempo o quea prosápia queria era broa.” (OLIVEIRA, 1980, Pág 40). Portanto, percebemos em que a aristocracia em maus lençóis vem rebaixa-se ao burguês. Álvaro Silvestre, elucida a miséria dos Alvas para que Maria dos Prazeres lembre-se como foi comprada, ferindo-a no seu orgulho de aristocrata, assim como ela o fere em suas fraquezas.

Ele medita sobre a sua vida e recorda constantemente sua infância, tendo como seu refúgio. “E olhando aqueles sítios conhecidos agasalhou-se na memória das manhãs infantis passadas ali. (OLIVEIRA, 1980, Pág. 97). Percebemos que o mesmo recordava seu passado como uma forma de esquecer o presente causando um certo saudosismo. O personagem vaguei entre a infância e a dor (Juventude e a velhice), causando no mesmo uma alienação temporal. Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestres, refletem acerca de seus anseios e suas frustrações, enquanto ele recorda sua infância, ela recorda seu passado aristocrático, escondem-se no tempo, ficando assim presos a ele, impossíveis de acompanhar esse fluir do tempo, o presente. “Primeiro, a fonte brotou tenuamente, muito ao longe, na infância, depois, a água mansa turvou-se ao longo do caminho, do tempo, com lixo que lhe foram atirando das margens; e agora é cachoante, escura, desesperada”. (OLIVEIRA, 1980, Pág. 20). A chuva também é água que se faz fonte e rio. A fonte faz alusão a água límpida da inocência da infância e aos prazeres que essa época proporciona, mas ela ao longo da caminhada faz-se rio sujo. Portanto o rio é o presente de Álvaro Silvestres em meio ao que vive com sua mulher, fonte e rio evoca o passado e o presente.

A figura analepse é o recurso das recordações durante o romance. Segundo Reis (1996, pág. 56). “(...) O narrador torneia de modo hábil o perigo do hermetismo que necessariamente sobreviria se as reflexões das personagens não fossem clarificadas e sujeitas de inspiração cinematográfica. Ao mesmo tempo confirma-se o recurso da

analepse.” O próprio narrador utiliza a analepse como um paradigma de dois tempos (presente/passado) e o enfoque entre eles na vida social e efetiva do casal Silvestres. Tempos estes que revelam o remorso, a desconfiança e as angústias e solidão. O monólogo interior dos personagens demonstra a crise íntima que vive a classe dominante na figura de Maria dos Prazeres e Álvaro Silvestre, revelando os contrastes dos mesmos e a vivência individual de cada um

3.2 Clara e Jacinto: A colméia do Mel

Clara e Jacinto representam a classe dominada, cheia de sonhos e de esperança em um futuro de mudanças. Clara é uma doce menina, cujo nome é associado à lucidez e a limpidez, de uma maneira indireta seu nome representa a consciência desperta, atributo essencial em uma luta de classes (burguesia e proletariado rural). Entretanto o personagem Jacinto também tem seu significado no nome, como flor ornamental e nome de pedra preciosa seja por esse atributo que ele é um personagem simbólico pois o cabelo ruivo a preciosidade que Maria dos Prazeres admira e deseja . “O perfil do cocheiro arrancava-o da sombra a luz amarela: o queixo espesso, o nariz correto, a fronte de encontro à noite, parecia uma moeda de ouro”.(OLIVEIRA, 1980, Pág 19). Portanto há uma relação singular entre o personagem e o ouro (valor monetário) em que o mesmo para Maria dos Prazeres tem um preço. É por isso que ela o definiu quando “cravou os olhos no cocheiro, entretanto atento à noite e a estrada... homem devia ser aquele pedaço de pedra doirada que a treva contornava, luminoso. (OLIVEIRA, 1980, Pág 22)”. Jacinto representa a classe explorada, vítima dos seus patrões, pois toda opressão psicológica sofrida pelo casal Silvestre recai sobre os mais fracos (Clara e Jacinto). Diferentes do Silvestre Clara e Jacinto são voltados para o futuro. Vemos em Jacinto a forma física da esperança no porvir o mesmo faz alusão aos planos para o futuro. O tempo é a forma transformadora de sua condição social.

O casal é apresentado em seu ninho de amor um simples palheiro, em meio aos animais, “ envolvia-os o calor do gado: a vaca , o jumento duas ou três galinhas afundado na palha cingidos um ao outro mal sentiam-se o frio da madrugada , que entrava pela frechas do tabuado...”(OLIVEIRA, 1980, Pág 46).. Tal cenário nos faz recordar a passagem do nascimento humilde de Jesus em meio aos animais, esse que trouxe uma transformação para o mundo, Jacinto é também uma manifestação da inconformidade da opressão que é submetido. Os mesmos fazem planos para o futuro, pois Clara está grávida, ela representa a única abelha fecunda do romance, “E ora que se vê. A espera de

um filho, estendida nas mesmas palhas, do que tu só não veres se fosses cego”. (OLIVEIRA, 1980, Pág. 44). É nesse clima de amor que Álvaro Silvestre flagra-os, e ouve o cocheiro comentar com Clara os olhares desejos de Maria dos Prazeres para com ele “ E as olhadelas da patroa... mas olha lá que a D. Maria dos Prazeres me comia com os olhos.”(OLIVEIRA, 1980, Pág 44). Para Álvaro este foi o estopim da revolta magoado em seu orgulho em saber que a sua mulher prefere a um cocheiro que a ele, “ [...]Desta vez o ânimo impiedoso irrompia da sombra para saltar sobre o ruivo, que encarnava, por uma necessidade premente de fixar a angústia, o bode expiatório, o inimigo, a própria angústia” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 54). Portanto Álvaro Silvestres planeja eliminar o cocheiro, afim de se vingar da traição da mulher, conta ao mestre Antônio, pai de Clara o que vira no curral esta era a maneira de aliviar mesmo que temporariamente sua opressão psicológica e impotência perante a mulher. “Hoje de madrugada a sua filha e o meu cocheiro estavam deitados na palha do curral onde vossemecê recolhe o gado.” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 44). A partir da revelação, a opressão psicológica sofrida pelo casal Silvestre recai nas abelhas fecundas (Clara e Jacinto), Álvaro Silvestre torna-se o elo de ligação entre a violência psicológica que se torna física na classe dominada, ao instigar Mestre Antônio contra o seu cocheiro, pois o mesmo tinha os planos de casar a filha com um lavrador. “Desde o nascimento de Clara que embalava o sonho de sair da pobreza pela mão da rapariga (OLIVEIRA, 1980, Pág. 54).”

Mestre Antônio é deficiente visual é também santeiro do sítio, é o símbolo da cegueira mental, pois a sua deficiência visual era mínima em relação a sua visão de mundo, em que o mesmo acha que “a pobreza, que é a maior cegueira”, pois ele acreditava que um casamento poderia resolver os desníveis da sociedade. Mestre Antônio é apenas uma vítima dos Silvestres no tocante a exploração em que é submetido e aceita subordinado, é apenas uma peça usadas nas mãos dos patrões para realizar os desejos deles. Mestre Antônio juntamente com Marcelo, seu ajudante e cúmplice trama a morte de Jacinto, matam primeiro à pauladas e o atiram no mar, assim como a opressão física se faz presente nos atos criminosos, a chuva também engrossa evidenciando a agressão física contra Jacinto.

A chuva engrossava pouco a pouco. Ao longe, o fogo de um relâmpago abriu o céu.

— Aí vem a trovoada. Sente-a? Não.

A chuva, cada vez mais pesada, ia ajuçando os silvedos. O vento crescia e arrastou da distância o marulho de um trovão maior.

— Ouviu agora, mestre?

A chuva evoca o sentido da agressividade que é cometida contra jacinto. Há uma relação entre ela e opressão física, pois a mesma anuncia o desfecho trágico. No entanto para Clara/Jacinto a água já não é fonte e rio como é para os Silvestres, mas passa a ser mar e poço. Porém é para o mar que é jacinto é lançado, o mar faz alusão à dinâmica da vida e a constantes mutações através dos seus movimentos, assim como Jacinto possuía seus planos de mudanças de vida e de um futuro melhor e o desejo de transformar o mundo pela medida dos seus projetos. Apesar de Jacinto ser eliminado não elimina o fato de sua presença no texto sugerir uma vida futura melhor que há de vim e não apenas a morte como e ele ocorre, pois o doutor Neto elucida “Após a fecundação, o destino do macho é a morte, sendo sabido também que fecundar é criar”. Ele faz alusão além da gravidez de Clara que é física, Jacinto também fecunda o movimento da afronta em que o povo revoltado estilhaça os vidros da casa dos Silvestres esses que são marcados pelo estigma da infertilidade. Portanto Doutor Neto alui que “a morte de Jacinto é tão importante quanto a janelas estilhaçadas” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 159). “(...) Alguém apedrejou a casa, vidros estilhaçados retiniram.” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 159). Portanto deixa claro que o povo também é alienado como mestre Antônio e Marcelo, pois não eram capazes de travar uma luta de classes permanecendo calados diante das opressões que lhe atinge, pois como o grito de Maria dos Prazeres expulsando-os da propriedade do casal “Começaram a escoar pelo portão sem grandes complicações” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 44). O povo não vai além dessa atitude desordeira e sem propósito pois como a esposa do Silvestre afirmou “ eles não era mais que uns “(...) morto de curiosidade, porque estavam ali, senão a farejar o escândalo (...)”.(OLIVEIRA, 1980, Pág. 158).

Clara ao saber do assassinato do seu amado se suicida se jogando no poço, mas uma vez a simbologia da água perpassando a trama do romance de Carlos de Oliveira. Clara tem o sonho de uma felicidade difícil, mas possível que acaba por ficar voltada ao insucesso no fundo do poço. Ela faz jus ao sentido da produtividade laboriosa e da fertilidade inerente também à Jacinto que é eliminado igualmente, porque “Após a fecundação, o destino do macho é a morte.” (OLIVEIRA, 1980, Pág. 56).

Logo mais as reflexões do doutor Neto nos conduz a entender que dentro da “Colméia pintada dos Silvestres, o exame apodrecia.” (OLIVEIRA, 1980, Pág 177). A colméia pintada remete a vida de disfarces que levavam os Silvestres que na verdade é apenas “exame apodrecido” (ou seja, a vida social e psicológica degradada). No entanto

ao ver o desfecho final entendemos que a morte de Clara e Jacinto (abelhas produtoras) não significa o enfraquecimento do exame, que pelo contrário à luta sem êxito é força de motivação para continuar lutando por uma renovação futura. Por fim doutor Neto a partir do suicídio de Clara elucidada

Por hábito, lançou os olhos às colméias que lhe ficavam mesmo em frente, dez ou doze metros, se tanto, e viu uma abelha voar da cidade verde. Batizava as colmeias conforma e cor de que as pintara, cidade verde, cidade azul, cidade roxa. A abelha foi apanhada pela chuva; vergastadas, impulsos, fios de aguaceiro a enredá-la, golpes de vento a ferirem-lhe o voo. Deu com as asas na terra e uma bâtega mais forte espezinhou-a. Arrastou-se no saibro, debateu-se ainda, mas a voragem acabou por levá-la com as folhas mortas. (Oliveira, pág 180, 1980).

Percebemos a alusão que o autor faz simbolicamente de Clara à abelha em que esta lutou, mas foi destruída pelas águas, concordando assim perfeitamente como o título da obra “Uma abelha na chuva”, Clara, aquela abelha (simbolizante) saída de uma colméia cuja cor é verde, que remete a esperança que na segunda se concentra destruída pelas águas, pois tanto Clara como a abelha acabou sendo derrotada pela água. Pois, entendemos que a morte de uma abelha não compromete a sobrevivência e a coesão social do exame que a perde, mas ela serve como exemplo de resistência, (pois apesar da morte de Clara e Jacinto, eles conseguiram conscientizar o povo para acordarem e lutarem pelos seus direitos, deixando um pouco de iluminação para os oprimidos) E são processo de transformação da vida de outras abelhas/ pessoas, evitando assim que essas permaneçam na chuva ou seja arrastadas por ela.

Podemos observar que o símbolo da abelha tem o viés negativo e positivo, mostrando o que é imperfeito e degradado na sociedade da época, Álvaro Silvestre e Maria dos Prazeres são “abelhas obcecadas” e que figuram como uma aliança de intrigas e falsidade que nunca conseguem se reconciliar. Por isso essas abelhas produzem o fel, mas pelo lado positivo, vemos o labor das abelhas produzindo o que é “doce e perfeito”, essas abelhas laboriosas correspondem a Clara e Jacinto que produzem o símbolo da luta por um futuro melhor, mas o que observamos é a opressão sofrida pelas abelhas que situam na cenda do trabalho, longe do fel que impunha os chicotes, mas apesar da decorrência das mortes dos personagens conscientes do romance, Clara e Jacinto instiga a evolução de um movimento revolucionário, quando deixa em suspenso o futuro no porvir, e que apesar de acabarem sendo massacrado pela classe exploradora há uma mensagem de esperança no final do romance com o vôo da abelha que sai da colméia verde, como mensagem de esperança e fé, mas que está também não alcançou êxito pois a água também foi símbolo de destruição no texto de Carlos de Oliveira.

ALZINHEIRA, Teresa, Maria & Coelho, Conceição, Maria, **Explicam Carlos de Oliveira: Uma Abelha na chuva**. Ed Europa- América. 1998.

CRUZ, Liberto, **Reflexões sobre a temática de “Uma abelha na chuva**, Seara Nova, Nº 1549, Lisboa, 1974, pp 19-24.

DIONÍSIO, Mário, **Prefácio**, in **Casa na Duna**, 3ª edição, Portugália Editora, Lisboa, 1964.

DIAS, L.A.C. **A Imprensa periódica na Génese do Neo- Realismo (1933-45)** In: A imprensa periodica na génese do Movimento Neo- Realista. Vila França de Xira: Museu do Neo Realismo, 1996.

FAGUNDES, Francisco Cota, **Tese e simbolismo em “Uma Abelha na Chuva”**, colóquio/Letras, nº 58, novembro, 1980.

GOMES, R. **Neo-Realismo português e Neo realismo brasileiro**, Seara Nova, Nº 872, Lisboa, 29 de Abril de 1944. Ano XXIII.

LOURENÇO, Eduardo, **Carlos de Oliveira e o trágico neo realista**, in Sentido e forma da poesia Neo- Realista, Editora Ulisseia, Lisboa 1968 pp.173-249.

MOREIA, Vital, Paisagem povoada: **A Gândara na obra de Carlos de Oliveira**, Vértice nº 400-1, 1982, pp 712-728.

OLIVEIRA, Carlos de: **Uma abelha na Chuva** 20ed. Lisboa: Sá da costa, 1980.

REIS, Carlos, **introdução à Leitura de Uma Abelha na Chuva**, Coimbra, Livraria Almedina, 1983

SEIXO, Maria Alzira, **Uma Abelha na chuva: do mel às cinzas**, posfácio á 9ª ed. de Uma Abelha na Chuva, Limiar, Porto, 1976, rep. in Maria Alzira Seixo, A palavra do romance , Livros Horizonte, Lisboa, 1986, 99 93-114).

TORRES, Alexandre Pinheiro, **a tetralogia da Gândara de Carlos de Oliveira**, in Romance: o mundo em equação, Portugália Editora, Lisboa, 1967, pp 249-265.

VIEIRA, Yara Frateschi, **Uma Abelha na Chuva: Procedimentos retóricos da narrativa**, Alfa, F.F.LL de Marília (Brasol), Departamento de Letras , nº 16, 235-255